

23-04-2021

## MEU NOME É...

### Gyslaine Daureu Weltz

[Estudante de Literatura]

Sempre tive dificuldades com professores muito convencionais, principalmente nas aulas de português.

A dificuldade, o desânimo e às vezes um certo horror que as pessoas têm de aprender nossa língua tem lá sua razão de ser. A dureza com que é tratada em sala de aula, ora com uma pretensa erudição, ora a intransigência com os erros, vícios, neologismos, gírias e expressões regionais, ora o rigor excessivo sem carinho e sem afeto nas avaliações e correções me deixavam incomodada e desestimulada com o ensino da língua. Não que eu ache que nós devamos relaxar com a fala correta e, principalmente, com a escrita impecável. A depender dos interlocutores a fala e a escrita são imprescindíveis para a demonstração de um domínio do nosso idioma a que todos deveríamos ter direito. (E que, no Brasil, não é o caso.) Mas é preciso estar atento à fala perfeita e à escrita impecável, pois muitas vezes elas se tornam arrogantes, pernósticas e supremacistas.

Não tolero a fala peculiarmente idiomatizada de algumas seitas para-linguísticas, tais como o juridiquês, o economês e o medicinês, entre outras. Soam-me mal.

Ouvidos atentos e conhecedores da língua, quando são sensíveis e observadores da fala desprovida de prepotência, são mais receptivos às flores da expressão dadivosa do encontro pela conversa do que aos espinhos maçantes e impertinentes da conquista de uma hegemonia na conversa. Há uma estética na língua falada e escrita, a que não pretendo me debruçar por aqui, que tem sua interpretação envolta em labirintos misteriosos da gramática, da semiótica, da semântica, da filologia e tantas outras ... até da psicanálise, quem diria. Aliás, é na própria psicanálise que repousa a explicação para o comportamento dos professores de português conservadores e, para ser bem direta, chatos de galocha. Todo ensino de qualquer matéria deve ter um componente sedutor que propicie ao aluno a escolha pelo melhor e, não, como costuma acontecer, pelo pior. Quantas vezes ouvi na minha vida meus colegas dizerem a palavra odeio. Em vésperas de prova, então, perdi a conta. *Odeio português, odeio matemática, odeio geografia, odeio história...* Muitas vezes o *odeio...* era seguido por *...esse professor*. Seria uma maneira de não assumir o ódio a matérias tão fundamentais para a formação das pessoas? Transferência de culpa do imaterial (objeto) para o material (sujeito responsável por lhe fazer aprender)? É possível, mas na verdade o que me parece que está em jogo é, de fato, o poder do professor de transformar o ingrediente da matéria num prato saboroso. O gostinho de quero mais tem que estar sempre guardado na mochila do aluno. Ingredientes gostosos servem pratos gostosos.

A escola e o método pedagógico são fundamentais para essa culinária do aprendizado. Quando cheguei na faculdade, os “odeios” foram se ampliando: filosofia, sociologia, antropologia, morfologia, isso numa escola de literatura.

Imagino que a profusão de “odeios” se multiplica mais do que o Covid-19 nos outros inumeráveis cursos superiores...

Que tipo de formação se pretende num curso superior que formará, ora vejam, professores, em que eles mesmos, tantas vezes, pronunciaram a palavra odeio para matérias que agora têm que ensinar? Mesmo que não sejam especialistas deverão utilizá-las para ampliar o repertório de seu contexto educativo. Não deveria caber a palavra odeio antes quando se vai precisar da palavra amor depois. Mas, qual a verdadeira razão disso? Não me lembro de colegas no nível médio, nem no nível superior, dizerem que odeiam inglês. O que eu ouvia frequentemente era “*eu tenho dificuldade com o inglês...*” Por certo deve haver alguém que odeie inglês. Talvez por ideologia, talvez porque ache que nunca vai precisar usar, mas eu nunca ouvi a frase-paradigma: *odeio português...*

O que ocorre, então, com o ensino do inglês? Vou deixar a resposta, se é que há, para vocês, mas parece, nesse caso, que o professor não conta. O apelo da sedução para o aprendizado da língua inglesa é externo ao professor.

Tem a ver com a intensa dominação midiática americana, a imposição e introjeção de sua cultura, sua supremacia econômica, a projeção de futuros da juventude e, principalmente, a perda do sentimento de pertencimento dos brasileiros à nossa terra e nossa língua, o desprezo pelas culturas nacionais indígena, quilombola, negra, folclórica, sertaneja, ribeirinha, regional, musical, artesanal.

Bem, deixo com vocês... Seria isso?

Comecei aqui falando do professor conservador que não me agrada porque também conheço professores que fazem de suas missões a revolução da vida de seus alunos para conseguir fazer a revolução de suas próprias vidas.

Um desses, nas aulas de Poesia na Literatura Brasileira, me elegeu como sua porta-bandeira no desfile das aulas, sempre magníficas e sempre coloridas de emoção, como se fossem adereços de nossas fantasias. Como se desfilássemos numa passarela musical da língua portuguesa estava eu lá - porta-bandeira - a cumprir a missão que o diretor me agraciou: falar da obra do/a poeta falando mais do/a poeta do que da obra. Mergulhar na sua essência. Exercer uma alteridade psico-arqueológica. Transmutar-me nele/a.

Por achar que essa tarefa de porta-bandeira na passarela da Coluna Opinião tinha a ver com a questão dos direitos humanos, ainda mais impregnados pelos nossos infortúnios atuais com a condução de nossos rumos políticos, resolvi honrar-me em estar aqui com vocês. Minha tarefa será dizer aqui *Meu nome é ...* Em breve estarei com vocês para falar de poetas. Tentando penetrar em suas almas.

Começarei com *Meu nome é ... Manoel de Barros*. Obrigada.

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*